

CONTRA O ASSÉDIO MORAL

VAMOS DENUNCIAR OS ASSEDIADORES



Durante o Encontro dos Funcionários da USP, dias 21 e 22 de Agosto de 2008, inúmeras denúncias de Assédio Moral foram apresentadas pelos funcionários, principalmente as mulheres, que vêm sofrendo na Universidade de São Paulo.

Para combater o Assédio Moral temos que ter muitas informações a respeito do problema, daí a importância deste e outros Boletins.

O ASSÉDIO MORAL NO MUNDO

O primeiro estudioso que identificou o fenômeno do Assédio Moral na Europa foi Heinz Leymann, em 1984. Segundo a Organização Mundial da Saúde, existem 12 milhões de trabalhadores europeus portadores de algum problema de saúde, provocado pelos maus tratos das chefias.

O Assédio Moral foi identificado na Suécia, como um problema trabalhista, desde 1993. Estima-se que hoje 9% dos empregados suecos sejam vítimas deste fenômeno que é gerado no chamado mundo “globalizado” onde as empresas e instituições introduzem novas relações trabalhistas.

Na França já foi reconhecido 1 caso de suicídio, como Acidente de Trabalho.

A União Européia atribui muita importância ao Assédio Moral, sendo que vários Estados membros aprovaram Projetos de Lei e alteraram a legislação trabalhista, regulamentando a matéria em vários aspectos. Exemplo: Projeto de Lei no. 252/VIII – Palácio de São Bento, 27/07/2000.

Em 2000, num encontro em Barcelona, o Assédio Moral foi conceituado como “Terrorismo Laboral”, surgindo o termo “Mobing” que significa violência psicológica exercida de forma sistemática e prolongada no período de tempo. Este tempo foi estipulado em seis meses.

Também neste encontro foi consensuado “que as formas mais comuns são as ações contra à reputação, à dignidade, contra o livre exercício do trabalho e manipulação de comunicação e informação”. Para a Central Sindical UGT, que participou deste encontro, não agradou o “terrorismo psicológico”, porque o mesmo se revela restrito perante as imensas degradações da violência no mundo do trabalho, apregoando que ao tratar do tema, não poderá ser desfocado os fenômenos emergentes da nova organização do trabalho e o que a mesma significa para os trabalhadores, no mundo.

Foi a psicoterapeuta francesa Marie France Hirigoyen, autora do livro “Assédio Moral: a violência perversa do cotidiano”, quando da sua vinda ao Brasil, que inspirou o início desta discussão no nosso país, levando médicos, psicólogos, psicoterapeutas, assistentes sociais e outros profissionais a investigarem o fenômeno nos locais de trabalho, passando a teorizá-lo.

Foi no início desta década, que o assédio moral foi definido como fenômeno destruidor do ambiente de trabalho, diminuindo a produtividade, aumentando o absentismo e trazendo aos trabalhadores(as) o desgaste psicológico e até mesmo a morte.

NO BRASIL

No Brasil a percussora no estudo sobre o Assédio Moral foi a médica do trabalho e ginecologista Dra Margarida Barreto, autora de dois livros: “Uma Jornada de Humilhações” e “Assédio Moral: Uma Violência Sutil”.

Na USP também temos um companheiro, que após longa jornada de assédio moral, resolveu teorizar o seu cotidiano com as perseguições que sofreu e hoje escreve sobre o assunto. Consultem o site: <http://www.partes.com.br/capaassedio.htm>

O fenômeno é tão grave que hoje já existem legislações, porém não regulamentadas, sobre a questão e o tema é discutido em muitos sindicatos.

O que é Assédio Moral?

Dra Margarida, conceitua Assédio Moral como “a exposição dos trabalhadores(as) a situação humilhantes e constrangedoras, repetitivas e prolongadas durante a jornada de trabalho e no exercício das suas funções, sendo mais comum em relações hierárquicas autoritárias e assimétricas, em que predominam condutas negativas, relações desumanas e aécticas, de longa duração, de um ou mais chefes dirigida a um ou mais subordinado, desestabilizando a relação da vítima com o ambiente de trabalho e a organização, forçando-o a desistir do emprego.”

Como as pessoas reagem?

Se a pessoa tem uma estrutura psicológica mais fortalecida, ela pode pedir ajuda para um colega ou um superior do seu chefe ou se demitir. Muito cuidado ao pedir ajuda ao superior do chefe, pois ele poderá ser pior do que chefe.

Poderá procurar ajuda no seu sindicato.

Quando a pessoa não consegue dialogar com o seu chefe, a coisa fica difícil, pois o diálogo também poderá mudar a relação.

Muitos entram em depressão, stress, sofrimento físico, passam a usar o álcool ou a droga, levando à destruição familiar e até mesmo ao suicídio. Em qualquer um destes sintomas, o trabalhador(a) deverá procurar ajuda médica ou psicológica.

A pressão pode ser um problema difícil ou o trabalhador tira de letra, dependendo da sua estrutura psicológica. Como se defender do Assediador?

Nunca demonstre vergonha, medo, culpa ou dificuldades diante do chefe. É isto que ele quer, para te derrubar de vez.

Anote tudo. Faça um diário com tudo o que ele faz ou diz contra você, marcando o dia e a hora dos ataques e se havia testemunha ou não.

Um único incidente entre você e o seu chefe não caracteriza assédio moral e sim, a regularidade com que acontece e o conjunto dos fatos.

Guarde cópias de memorandos, dos bilhetes e das cartas que o chefe possa ter mandado, não só com ofensas, mas também aquelas que possam ter levado a fazer algo errado.

Não enfrente o chefe sozinho(a). Procure ajuda no SESMT ou no sindicato.

Se receber licença médica, preencha o CAT (Comunicado de Acidente de Trabalho) e coloque como causa a opressão do chefe, já denunciada ao superior. Cuidado ao denunciar o chefe para os superiores.

Se forçado a pedir demissão, denuncie e não assine nada antes de falar com o SINDICATO ou um advogado de sua confiança.

No dia 05/09/2008, na sede do Sindicato, a partir das 8h30 vamos discutir COMO COMBATER O ASSÉDIO MORAL NA USP. PARTICIPEM!!!!!!